

Diretora: Helga Feilstrecker

Orientadora: Vanda Falchetti Hofsteter

Professor: Lucas Mariani Correa

Aluno (a): _____ 6º Ano _____.

BOM DIA! ATIVIDADE DE HISTÓRIA DA 20ª SEMANA – DIA 18-09-2020.

Leia atentamente o texto e copie no caderno as partes GRIFADAS com as principais características da Escrita no Egito e Cuxe (Meroíta). Não é necessário enviar por e-mail.

A ESCRITA EGÍPCIA

A escrita egípcia parece ser tão antiga quanto a suméria, mas não há certeza sobre isso. A primeira forma de escrita no Egito foi o **hieróglifo**, que surgiu por volta de 3300 a.C. No início, a escrita egípcia era pictográfica, isto é, representava objetos por meio de desenhos. Com o tempo, essa escrita passou a ser ao mesmo tempo ideográfica, contendo sinais representando ideias, e fonética, com sinais que representavam sons da fala.

A escrita **hierática** era uma escrita hieroglífica simplificada usada em registros cotidianos, para evitar a complexidade da escrita hieroglífica. O registro mais antigo dessa escrita data de meados do terceiro milênio antes de Cristo. A escrita **demótica**, ou popular, apareceu por volta do ano 700 a.C. Era uma escrita mais simples, que servia também para escrever cartas, fazer contas e registros.

Os egípcios usavam vários materiais para escrever. Os hieróglifos eram usados principalmente para escrever nas paredes dos templos, em monumentos funerários e, em alguns casos, no papiro. Anotações cotidianas eram feitas em madeira e papiro, tanto na escrita hierática quanto na demótica.

Saber ler e escrever no Egito Antigo era indispensável ao indivíduo que quisesse seguir uma carreira de funcionário do faraó, ser sacerdote de um templo ou mesmo general de um exército.

Com o passar dos anos e o fim da realeza faraônica, os hieróglifos caíram em desuso e nem mesmo os egípcios compreendiam aqueles sinais.

A decifração dos hieróglifos

Em 1799, um grupo de soldados franceses descobriu na cidade de Roseta, no Egito, uma pedra com inscrições em hieróglifo, demótico e grego. Ao traduzir as inscrições em grego e em demótico, pesquisadores concluíram que se tratava do mesmo documento, escrito em duas línguas diferentes.

O próximo passo era descobrir a relação entre os hieróglifos e os caracteres gregos e demóticos. O trabalho de tradução mais bem-sucedido foi o do linguista francês Jean-François Champollion, grande conhecedor da cultura egípcia.

Graças aos estudos do físico e egiptólogo britânico Thomas Young, Champollion reconheceu o nome do faraó egípcio Ptolomeu, comparando a posição dele na escrita hieroglífica e nas escritas demótica e grega. A descoberta descortinou uma história de milhares de anos.

Pedra de Roseta. Século II a.C.
Inscrições em granito negro, 114 cm × 72 cm.
Museu Britânico, Londres, Inglaterra.



G. DAGLIORITIDE/AGOSTINI
PICTURE LIBRARY/ALAMY
KESTONE BRASILE - MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

A escrita meroíta

A escrita meroíta foi registrada em templos, túmulos e outros diversos documentos. Desenvolvida a partir dos hieróglifos egípcios, a escrita meroíta era alfabética e tinha duas formas distintas. A primeira delas, mais restrita, era destinada aos documentos religiosos e reais. A segunda, mais utilizada que a anterior, era uma escrita cursiva, derivada do demótico egípcio. O alfabeto dessa segunda escrita tinha 23 sinais, que eram escritos e lidos em sentido contrário aos sinais dos egípcios.

A escrita meroíta ainda não foi totalmente decifrada. Os estudiosos conseguem identificar os sons de cada um dos sinais da escrita, mas não conseguem interpretar as palavras que eles formam. Apenas alguns nomes de personagens e locais foram decodificados. Dessa forma, os avanços da arqueologia e de outras áreas do conhecimento são essenciais para que a escrita meroíta seja desvendada. Assim, será possível aprofundar os conhecimentos sobre a história e o modo de vida dessa sociedade.

Placa com registro de escrita meroíta. Século VII a.C. Inscrição em arenito, 51 cm x 38,5 cm. Museu Britânico, Londres, Inglaterra.



Veja as Imagens de Hieróglifos

